



CONTANDO AFRICANIDADES: EXPERIÊNCIAS DECOLONIAIS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

COUNTING AFRICANITIES: DECOLONIAL EXPERIENCES IN UNIVERSITY EXTENSION

João Vítor Barbosa Souza¹
Valéria Moreira Dias²
Kaline Keize Souza Vieira³
Láisa Paiva Ferreira⁴
Letícia Santos Azevedo⁵
Yure Oliveira Venceslau⁶

Resumo: Este escrito aborda uma experiência construída no projeto de extensão Contando Africanidades, desenvolvido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), que tem por objetivo a valorização das matrizes culturais e étnicas brasileiras por meio da contação de histórias. A experiência aqui relatada ocorreu no Assentamento Claudemiro Dias Lima, durante o I Festival Gastronômico: Sabores da Liberdade, e evidenciou o papel da extensão universitária como elo entre universidade e comunidade, fortalecendo o pertencimento cultural e o respeito à diversidade e os saberes locais, tal atividade apresenta a relação do Contando Africanidades com a perspectiva decolonial, buscando desconstruir narrativas eurocêntricas e promover o reconhecimento de sujeitos e narrativas marginalizadas

Palavras-chave: Contação de histórias. Decolonialidade. Extensão universitária.

Abstract: This paper discusses an experience developed within the extension project "Contando Africanidades" (Telling Africanities), developed by the State University of Southwest Bahia (UESB), which aims to promote Brazilian cultural and ethnic roots through storytelling. The experience reported here took place at the Claudemiro Dias Lima Settlement during the 1st Gastronomic Festival: Flavors of Freedom. It highlighted the role of university extension as a link between university and community, strengthening cultural belonging and respect for diversity and local knowledge. This activity presents the relationship between Contando Africanidades and a decolonial perspective, seeking to

¹ Graduando em Pedagogia e extensionista no projeto Contando Africanidades. E-mail: joaovitorbarbosasouza8@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia e extensionista no projeto Contando Africanidades. E-mail: valeriamoreiradias01@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia e extensionista no projeto Contando Africanidades. E-mail: Kalinesouza788@gmail.com

⁴ Graduanda em Pedagogia e extensionista no projeto Contando Africanidades. laisapaiva51@gmail.com

⁵ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC -UESB), professora da UESB e Coordenadora do projeto Contando Africanidades. E-mail: leticia.azevedo@uesb.edu.br

⁶ Mestre em educação pelo o Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED - UESB), Pedagogo da UESB campus Itapetinga, membro do projeto Contando Africanidades. E-mail: yureyure.2@hotmail.com



deconstruct Eurocentric narratives and promote the recognition of marginalized subjects and narratives.

Keywords: Storytelling. Decoloniality. University extension.

Contextualização

O período colonial representou um extenso marco temporal na nação brasileira (1500-1822), recorte histórico, que contribui para o apagamento e silenciamento das histórias, saberes e subjetividades de sujeitos negros e indígenas, isso por meio do regime escravocrata, que também se estabeleceu neste mesmo período e que reduziu as vivências desses indivíduos em dor, sofrimento e marginalização.

Este período Colonial, protagonizado por representantes dos países da Europa, serviu ainda para a consolidação das narrativas e conhecimentos eurocêntricos nas terras brasileiras, em detrimento dos saberes dos demais povos aqui já existentes, como nos aponta, Césaire (1978, p.67) ao afirmar que a consolidação da perspectiva eurocêntrica representou “a articulação de histórias culturais diversas e heterogêneas em torno de uma única ordem global, do mesmo modo que extirpou a raiz da diversidade”. Assim, ainda hoje a nossa sociedade, sobretudo os espaços escolares ainda reproduzem os modelos epistêmicos eurocêntricos, apontando para a necessidade de meios que desafiem essas estruturas coloniais e eurocêntricas.

É neste aspecto, que ganha relevância a decolonialidade, um caminho que propõe a desconstrução dessas narrativas, neste sentido Walsh (2007, p.9) ainda entende a decolonialidade como:

[...] a necessidade de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que posicionam de modo diferenciado a grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica que, ao mesmo tempo, ainda é racial, moderna e



colonial [...]. Romper cadeias e desescravizar as mentes desafiar e destruir as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade até agora permanentes que mantêm padrões de poder enraizados na racialização, no conhecimento eurocêntrico e na inferiorização de alguns seres como menos humanos.

É nesta perspectiva que se alinha o Projeto Contando Africanidades, ação extensionista da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Itapetinga, que tem por objetivo a valorização das matrizes culturais e étnicas brasileiras por meio da contação de histórias, além disso, ainda visa e o resgate dos saberes provenientes das comunidades indígenas e afro-brasileiras, reconhecendo e legitimando outros conhecimentos nas nossas instituições escolares.

Criado em 2022, o Contando Africanidades atua há mais de 3 anos em Itapetinga-BA e região, promovendo contação de histórias em diversos espaços sociais. O projeto enfrenta o apagamento das contribuições históricas e sociais dos povos negros e indígenas, construindo narrativas positivas e consolidando-se como uma ação decolonial.

Grande parte das atividades ocorre em escolas, onde o projeto fomenta reflexões sobre diferenças sociais e apresenta histórias indígenas e africanas, valorizando o protagonismo desses grupos. Isso contribui para o reconhecimento identitário de crianças negras e indígenas, fortalecendo seu pertencimento e suas raízes ancestrais, em consonância com as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que obrigam o ensino das culturas afro-brasileira, africana e indígena.

Além do ambiente escolar, o Contando Africanidades atua em outros contextos sociais, como no Assentamento Claudemiro Dias Lima, ampliando o alcance do tratamento à diversidade.

Aspectos metodológicos da experiência

A extensão universitária se caracteriza como um importante meio de comunicação entre a universidade e a sociedade, por meio da



disseminação do conhecimento e de ações colaborativas contribui diretamente para o desenvolvimento do nosso contexto social.

A experiência aqui relatada, nasce da sessão de contação de histórias realizada no Assentamento Claudemiro Dias Lima, território do movimento sem-terra (MST) localizado na zona rural de Jitaúna, Bahia, na região do Médio Rio de Contas. A sessão ocorreu durante a realização do I Festival Gastronômico: sabores da liberdade, evento realizado entre os dias 26 e 28 de Setembro, 2025, com o objetivo de promover um encontro multicultural, unindo sabores e territórios na construção da autonomia popular e valorização dos territórios MST.

Neste contexto, o Contando Africanidades desenvolveu sessões de contações de histórias com crianças moradoras do assentamento e também com as crianças das escolas que estiveram presentes durante o evento. Na ocasião foi realizada a sessão “Resgatando nossa Histórias”, que tem por objetivo: criar um ambiente propício ao diálogo, à reflexão e ao aprendizado, valorizando o resgate da nossa história, reconhecendo a relevância dos nossos ancestrais, incentivando a convivência com a diversidade e promovendo o respeito a si mesmo e ao outro.

Para tanto, foram contados alguns contos do livro: Contos Indígenas Brasileiros, do autor Daniel Munduruku, obra que reúne mitos e lendas de diferentes etnias indígenas do Brasil, com intenções educativas e cultural, colaborando para a valorização dos povos originários. E Os Solfejos de Fayola, da autora Kiusam de Oliveira, livro infantil que acompanha Fayola, um bebê capaz de emitir com a boca os sons característicos de instrumentos musicais tradicionais da cultura africana.



Refletindo com a experiência

A sessão “Resgatando nossa história” realizada no assentamento Claudemiro Dias Lima, contribuiu para a construção de um espaço de encontros entre diversas culturas, saberes, sujeitos e vivências. Ao levar para a comunidade assentada histórias Indígenas e Africanas, o Contando Africanidades, demarcou naquele espaço a potencialidade que reside nesses sujeitos, que foram marginalizados ao longo do tempo.

As crianças presentes naquele ambiente, puderam se enxergar refletidas nas vivências de cada personagem apresentado ali, entendendo por meio daquelas histórias a beleza, bravura e riqueza que reside nos seus ancestrais, e através disso, se reconhecendo enquanto protagonistas de narrativas positivas sobre suas ancestralidades.

A sessão ainda se alinhou de forma plena ao propósito do Festival realizado no assentamento, ao articular diversas expressões culturais com o objetivo de valorizar os diferentes saberes, povos e territórios. Por ter ocorrido em um assentamento do MST, essa ação adquire um significado ainda mais especial: ao adentrar um território historicamente marginalizado em nosso país, o Contando Africanidades reforça a urgência de dar visibilidade aos sujeitos que habitam esses espaços. As múltiplas diversidades ali presentes, as suas culturas, conhecimentos e modos de vida. E assim, construiu formas potentes de resistência, contribuindo diretamente para a luta e afirmação desses povos.

Desse modo, o Contando Africanidades trilha o caminho proposto pela decolonialidade, pois por meio das suas ações propõe outras narrativas nos espaços em que adentra, no caso do assentamento ao conceber este território como um local de produção de conhecimentos e resistências, o Contando utiliza a importância e riqueza da educação popular e da contação de histórias na construção de práticas que



desafiam as estruturas eurocêntricas, trazendo para o centro história, toda a pluralidade que reside em nós.

Por fim, essa ação extensionista não apenas contribui para a valorização das nossas raízes culturais e étnicas, mas também aprende com os saberes locais, possibilitando uma relação significativa entre universidade e comunidade.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo.** Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros.** São Paulo: Global Editora, 2010.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Os solfejos de Fayola.** São Paulo: Cultura editora, 2021.

WALSH, Catherine. **Memorias del Seminario Internacional “Diversidad, interculturalidad y construcción de ciudad”** (Bogotá, 17-19 de abril de 2007). Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2007.